



Escola Superior de Altos Estudos

Pais Sem Nome:

Factores Culturais e de Ruptura pela Morte Acidental de um Filho.

Alexandra Cristina Lopes Pena de Araújo Fernandes

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, Ramo de Psicoterapia
e Psicologia Clínica

Coimbra, ano 2010



Escola Superior de Altos Estudos

Pais sem nome:

Factores culturais e de ruptura pela morte accidental de um filho.

Alexandra Cristina Lopes Pena de Araújo Fernandes

Dissertação apresentada ao ISMT para Obtenção do Grau de Mestre em Psicoterapia e Psicologia Clínica e elaborada sob a Orientação do Professor Doutor Michael Knoch.

Coimbra, Fevereiro de 2010

“Escondemos a morte como se ela fosse vergonhosa e suja. Vemos nela apenas horror, absurdo, sofrimento inútil e penoso, escândalo insuportável, conquanto ela seja o momento culminante da nossa vida, o seu coroamento, o que lhe confere sentido e valor.

Não deixa, por isso, de continuar a ser um imenso mistério, um grande ponto de interrogação que transportamos no mais íntimo de nós.” (Hennezel, 2009, p. 11)

Resumo

“Pais sem nome” é um trabalho que pretende dar voz às mães e pais que perderam os seus filhos. O nome surge através de uma frase dita por uma mãe: “os filhos que perdem os pais, são órfãos; a mulher que perde o marido, é viúva; e os pais que perdem um filho, não têm nome...”

Como bem sabemos, a morte é ainda um tabu na nossa sociedade pois não representa somente o término de uma vida mas nela associada estão todos os sentimentos, emoções e dor que provoca nas pessoas que sofrem a perda. A morte, é algo inevitável e provavelmente a coisa mais certa que o homem possui na vida, existindo á tanto tempo quanto o homem. Nunca é algo fácil de se superar mas que todos nós teremos que vivenciar e ultrapassar. O homem tentou sempre arranjar formas de mistificá-la, pois ele queria amenizar um pouco a angústia, medo, dor e tristeza que ela gera.

A experiência do luto, vivida através da perda de um ente querido, parece constituir um acontecimento marcante e de poderosos significados para a vida dos indivíduos. O clássico e significativo trabalho de Freud sobre o “Luto e Melancolia” marcou durante longos anos a compreensão do processo de luto. Mas hoje em dia, existe uma vasta literatura sobre a morte natural e luto, contudo sobre a morte violenta, existe em menor quantidade.

Palavras – Chave: luto, cultura, religião, ruptura

Abstract

"Parents without A name" is a work that seeks to give voice to the mothers and fathers who lost their children. The name comes from a phrase said by a mother: "the children who lose parents, are orphans, the woman who loses her husband is a widow and parents who lose a child, have no name ..."

As we know, death is still a taboo in our society because not only represents the end of a life but is associated with feelings, emotions and pains that result in suffering of those who suffer the loss. Death is something inevitable and probably the certain event that man has in life and there will happen as long as the man exists. It is never something easy to overcome but we all have to experience and overcome. The man has always sought to find ways to mystify it, because he wanted to soften the anxiety, fear, pain and sadness that it generates.

The experience of grief, lived through the loss of a loved one, seems to be an event remarkable and powerful meaning to the lives of individuals. The classic and significant work of Freud on "Mourning and Loss", marked for many years to understand the process of mourning. But, in the current times, there is a vast literature about natural death and mourning, although there is very little literature about violent death.

Key - Words: mourning, culture, religion, rupture

Agradecimentos

Quero agradecer a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram e me apoiaram durante esta etapa:

Ao meu orientador, Professor Doutor Michael Knoch, pelo apoio e compreensão que me deu ao longo da construção deste trabalho.

A minha avó Maria Júlia, In Memória, que fez a sua passagem no período em este trabalho era desenvolvida, fazendo-me compreender um pouco mais sobre as dores da morte.

A minha família e ao meu namorado, cuja paciência, amor e apoio foram inesgotáveis e cruciais para a realização desta etapa na minha vida.

À instituição, Centro de Saúde Fernão Magalhães, bem como aos seus funcionários pelo apoio e carinho com que me receberam.

Não posso deixar passar em branco todas as pessoas que disponibilizando o seu tempo, me ajudaram a desenvolver esta tese, através das suas críticas construtivas que não deixaram de ser essenciais para a sua conclusão.

Índice

Resumo	7
Abstract	8
Agradecimentos.....	9
Introdução.....	12
Parte I – Enquadramento Teórico.....	14
Capítulo 1: Estrutura Conceptual.....	14
1.1. A Morte Natural	14
1.1.1. Notas sobre o Processo de Luto.....	15
1.1.2. As Fases do Luto	16
1.1.3. Os Sintomas do Luto	16
1.1.4. Os Factores de Risco para Luto Complicado.....	17
1.1.5. O suporte dos Rituais Religiosos	17
1.2. Luto e Melancolia	19
1.3. Morte Acidental	20
1.3.1 Rituais Culturais.....	21
1.3.2 Mortes Rodoviárias	22
Parte II – Estudo Empírico.....	24
Capítulo2: Metodologia.....	24
2.1 Método Fenomenológico e Etnográfico.....	24

2.2 Objectivos do Estudo	24
2.3 Instrumento	25
2.4 Processo de Recolha de Dados	26
2.4.1 Participantes	26
2.4.2 A Recolha dos Dados.....	27
Capítulo 3: Interpretação dos Achados	29
3.1. Morte Violenta Contida pela Cultura.....	31
3.1.1. Vivência da Perda.....	31
3.1.2. Luto.....	33
3.1.3. Religião.....	36
3.1.4 Família	38
3.1.5. Síntese.....	42
3.2. Morte Violenta com Ruptura na Cultura	44
3.2.1. Vivência da Perda.....	44
3.2.2. Luto.....	47
3.2.3. Religião.....	50
3.2.4. Família	53
3.2.5. Síntese.....	56
Parte III - Considerações Finais	58
Bibliografia.....	62

Introdução

O objectivo deste estudo foi analisar a reacção das pessoas após a perda de um filho. Cronologicamente esse percurso não é o esperado pois o percurso natural da vida, seria aquele em que os filhos enterram seus pais idosos.

Contudo, não é sempre assim que acontece. Muitas vezes, pais choram filhos mortos precocemente, irmãos enterram irmãos e perdemos grandes amigos ainda jovens. Não é só a velhice que nos arrebatava a vida, pois também podemos morrer vítimas de acidentes trágicos e de doenças. E a realidade desse facto causa angústia, dor e sofrimento na nossa cultura actual, em que a felicidade parece eterna e o poder capitalista tenta comprar tudo, inclusive a vida prolongada.

No primeiro Capítulo, faremos um Enquadramento Teórico que será dividido em três níveis. No primeiro nível, abordaremos conceitos como luto, rituais religiosos fúnebres e solidão, na morte natural. Este enquadramento teórico será breve, pois não poderíamos citar toda a vasta bibliografia que existe sobre o tema e porque no nosso estudo as mortes não puderam ser consideradas como naturais pois foram mortes inesperadas, acidentais e repentinas de pessoas jovens. Num segundo nível, abordaremos o artigo de Freud, “Luto e Melancolia”, que servirá como ligação, entre o processo de luto perante uma morte natural e o processo de luto perante uma morte acidental. Por fim, abordaremos a morte acidental, em dois níveis: os rituais culturais numa morte acidental, e as mortes rodoviárias. A procura por literatura sobre este tema foi exaustiva, sendo que os resultados não foram muito produtivos devido á escassez da literatura sobre o tema.

No segundo capítulo, através de uma união de duas metodologias: a fenomenologia e a etnografia, iremos analisar as entrevistas destes pais. Não queríamos três

estudos de caso porque procuramos compreender as reacções a um acontecimento incompreensível.

Nas considerações sobre o estudo, que se encontra no último capítulo, está as reflexões realizadas a respeito da relação humana com a morte e o morrer, mostrando sua vinculação com os objectivos da pesquisa. Iremos interpretar os achados resultantes da análise da entrevista, em três níveis: o primeiro nível, será a morte natural, onde faremos uma breve introdução meramente pela literatura; um segundo nível, a morte violenta mas contida pela cultura e por fim, o terceiro e último nível, a morte violenta mas que provoca a ruptura com o nível de cultura, colocando o indivíduo numa situação de solidão. Tentamos compreender esta ruptura, visto possuir elementos do surgimento da psicose, como encontramos nas obras de Bion, Meltzer e Grotstein.

Parte I – Enquadramento Teórico

Capítulo 1: Estrutura Conceptual

1.1. A Morte Natural

A morte é ainda um tabu na nossa sociedade pois não representa somente o término de uma vida mas nela associada estão todos os sentimentos, emoções e dor que provoca nas pessoas que sofrem a perda.

A morte, é algo inevitável e provavelmente a coisa mais certa que o homem possui na vida, existindo á tanto tempo quanto o homem (Oliveira, 1998). Nunca é algo fácil de se superar mas que todos nós teremos que vivenciar e ultrapassar. O homem tentou sempre arranjar formas de mistificá-la, pois ele queria amenizar um pouco a angústia, medo, dor e tristeza que ela gera. Para isso, o homem desenvolveu a ideia de um mundo após a morte onde todos se reuniriam, ou então a ideia de reencarnação. Seja qual for a causa da morte, todas nos assustam e o nosso desejo era não ter que a vivenciar. Então, iniciou-se um estudo, ao longo dos anos, de como a evitar. O homem usando a tecnologia, que cada vez mais se encontra super desenvolvida, iniciou uma busca ao nosso código genético, com a esperança de encontrar não só de descobrir cura para as doenças e vacinas, mas também com a esperança de arranjar formas de prolongar a sua longevidade.

Muitas vezes, encontramos-nos a tentar afastá-la com pequenas coisas, tais como, marcando consultas de rotina, fazendo análises de rotina, não nos expondo a locais que possam ser prejudiciais assim como, acabando com hábitos prejudiciais. Mas por vezes estamos a afastá-la com pequenas brincadeiras e piadas criadas.

Segundo o autor Kubler-Ross, acerca da explicação do estado de saúde de doentes terminais por parte dos seus médicos, diz-nos que: “o mais importante é a nossa

própria atitude e capacidade para enfrentar a doença terminal e a morte” (Kubler-Ross, p.45)

1.1.1. Notas sobre o Processo de Luto

Luto, esta pequena palavra encerra todos os medos, dores, emoções, sentimentos que existem quando ocorre a morte ou uma perda, ou seja, quando perdemos algo ou alguém valioso, insubstituível na nossa vida. Não nos podemos esquecer que a morte é uma perda, para a qual nunca estamos preparados. Diferentes pessoas têm diferentes percepções. Existem aqueles que falam do assunto, exteriorizando a sua dor; ou aqueles em que a sua dor desmedida não lhes permite falar, acabando por indo acumulando cada vez mais angústia; e por fim, os que possuem emoções colossais que podem vir a activar patologias pois não aceitam viver com esse facto e tentam viver como se nada tivesse ocorrido. O luto é a reacção normal e esperada á perda e segundo Freud (Freud, 2006), é um processo transitório reactivo e descompensador da pessoa, em que a pessoa faz um investimento libidinal no outro e tem que aprender a redireccionar esta energia libidinal para outros.

Parkes (1998) ampliou o conceito da teoria do vínculo de Bolwby, transpondo a mesma compreensão para adultos que vivem perdas. Identificou e definiu alguns componentes básicos da reacção de luto: a necessidade de chorar e procurar o outro: como parte da ansiedade de separação, o indivíduo manifesta a resposta que tem a capacidade de atrair a pessoa desejada para si; necessidade de inibir ou controlar as manifestações de sofrimento, (conflito entre a necessidade de conter e a expressão de pesar pela perda); necessidade de reaprender as concepções básicas sobre o mundo, (mudar hábitos e pensamentos de modo a promover o processo de transição psicossocial necessário). Considerando o carácter irreversível da morte e a capacidade do adulto enlutado de reconhecer esse facto, o luto é um conflito permanente entre a busca de uma vida anterior - a presença do falecido - e a necessidade de aprender a viver com sua ausência permanente, mesmo contra os desejos mais íntimos. Esse conflito demanda um reaprender a viver após a perda.

1.1.2. As Fases do Luto

Existem diferentes propostas de compreensão sobre as fases do luto de acordo com diferentes autores. Parkes (1998) utiliza os mesmos referenciais teóricos de Bowlby, numa linha de trabalho complementar, apresentando a mesma compreensão sobre o vínculo afectivo e a resposta às perdas, em adultos. Eles definem as fases do luto como: Entorpecimento ou aturdimento, Busca ou protesto, Desespero e desorganização, Recuperação e restituição. A divisão do luto em fases gerais permite-nos observar as reacções durante o processo de luto, permitindo uma melhor actuação por parte dos terapeutas. Contudo, não considera aspectos subjectivos e específicos do processo de adoecimento. Deste modo, as fases regulam um ponto de partida para compreendermos toda a agitação emocional de confronto com a perda, mas nunca nos podemos esquecer que todos os indivíduos são diferentes, e por isso as suas reacções também. Um indivíduo em luto poderá manifestar a sua dor, por uma ordem distinta da das fases de luto ou até não expressar todas as fases.

1.1.3. Os Sintomas do Luto

Durante o processo de luto existem várias formas de manifestações, quer sejam fisiológicas, comportamentais, psicológicas, afectivas e/ou sociais. Estas exteriorizações podem variar a sua intensidade e duração, podem também aparecer interligadas ou isoladamente, simultânea ou consecutivamente, mas revelam um aspecto em comum: existe sempre a dificuldade de atravessar esse período. Para além da parte emocional associada á perda, é importante evidenciar que existe uma parte fisiológica associada. Ou seja existe associado a uma reacção psicológica uma reacção somática, que podem ser, por exemplo choro e cansaço físico. É importante ressaltar este aspecto, pois a permanência longa destes sintomas somáticos pode indicar que o luto ainda não esteja resolvido. Todas essas respostas emocionais podem manifestar-se interligadas a reacções de outra natureza, como expressões comportamentais, atitudes para consigo, para com o

falecido e com o mundo, dificuldades e limitações cognitivas e mudanças físicas e queixas somáticas. O que podemos constatar é que, entre as pessoas enlutadas, surgem algumas reacções, físicas ou emocionais, mas que diferem em intensidade de acordo com inúmeros factores, tais como: circunstâncias do acontecimento, características de personalidade e outros factores de risco.

1.1.4. Os Factores de Risco para Luto Complicado

Parkes (1998)¹ aponta certos factores como cooperadores do processo de luto, mas obstrutivos no processo de elaboração da perda. Sendo cada situação única e especial, não é de estranhar que os diferentes elementos possam ter uma participação variável. Segundo as pesquisas deste autor, alguns aspectos são importantes preditores para o luto complicado e pessoas que apresentam essas características devem ser acompanhadas e ajudadas a atravessar o processo de luto (Parkes, 1998). Esses factores foram organizados por ele, conforme sua influência: no período anterior à morte, no período do adoecimento e morte e aqueles associados aos eventos posteriores à morte. No período antecedente à morte, este autor considera, por exemplo, o grau de parentesco e a relação com o falecido; sendo que no período do adoecimento e morte, considera os seguintes aspectos: religião e factores culturais e familiares. Por fim nos eventos associados à morte, este autor refere o apoio social ou isolamento, entre outros.

1.1.5. O suporte dos Rituais Religiosos

A morte de um parente é um evento tão doloroso que se torna difícil considerá-lo um mero resultado de um acidente ou do azar. Aceitar o facto de que a morte pode ocorrer em qualquer lugar, e que a doença não respeita pessoas, lugares ou tempos, mina a fé que se tem no mundo como um lugar seguro e em ordem. As crenças religiosas oferecem suporte aos enlutados na sua forma de significar a

¹ O livro de Parkes, ajuda-nos a compreender a origem da dor em pessoas enlutadas, o processo de luto e quais os aspectos que podem tornar o luto complicado ou que podem ajudar a pessoa enlutada a lidar com a sua dor.

morte e os rituais propiciam a oportunidade de despedir-se e, simultaneamente, receber apoio social.

No cristianismo, o falar sobre a morte baseia-se num conjunto de conceitos estritamente ligados á esperança, como expressões de fé e família. A maioria das religiões crê numa vida para além da morte, como uma continuação da alma e do espírito. A dualidade perpétua do sagrado e do profano, do mundo terrestre, pelo qual existe revolta enquanto, em relação ao mundo sobrenatural, sentem-se agradecidos, revelando uma crença na vida para além da morte. A religião emerge oferecendo a possibilidade de construção de um modelo operativo interno, um porto seguro e fonte de segurança, tendo como resultado a regulação do sentimento de segurança. Fundamentalmente, o modelo de terapêutica a partir da espiritualidade fornece um “idioma” que permite a expressão de experiências de sofrimento e aflição.

“No mundo cristão a preocupação com seus mortos também foi presente desde o início. A partir da administração de Calisto houve a criação das *catacumbas*, forma de guardar os mortos, também conhecida pelos judeus. As catacumbas eram cemitérios subterrâneos que surgiram a partir da preocupação da Igreja em garantir sepultura digna aos fiéis.” (Araújo, 2009, p.86).

Deste modo, a religiosidade, ou a “cura da alma”, faculta ao sujeito a possibilidade de refazer a sua realidade, delineando uma trajectória em direcção a cura. Assim, na consciência da sua realidade, poderá encontrar na espiritualidade, condições para o seu fortalecimento psíquico, preparando-a para enfrentar as suas limitações e, para além disso, propiciar o ressurgimento de uma mudança emocional firme, na qual uma reflexão ininterrupta e sincera acerca de prioridades, valores e propósitos, direccionam a sua existência. Deste modo encontra o seu “continente” na religião, busca a sua missão: reintegrar e reafirmar construtivamente as suas potencialidades, proporcionando-lhe paz e determinação duradouras. As

declarações do médico Benjamin Rush eram de super protecção das pessoas em luto , como escreveu (Parkes, 1998, p.197): “pessoas afectadas pelo luto devem ser levadas para fora do aposento em que o seu parente morreu e não deveriam ver o seu corpo. De maneira alguma, pode ser permitido a elas que acompanhem a cerimónia até ao enterro”. Nos dias que correm, e nos actuais rituais religiosos, as pessoas em luto devem mostrar a sua dor e velar o corpo da pessoa falecida. No meio religioso e cultural do mundo actual existe um tempo provável para o luto. Por exemplo, todos nós, que infelizmente já perdemos um familiar ou amigo, sabemos que após o funeral e até á missa do oitavo e do trigésimo dia, a pessoa e a família deverá manter o seu luto, usando por exemplo roupa preta ou de cor escura.

Como Parkes (1998) refere, para além da existência de durações de luto em certos meios sociais, noutros não é estipulado esta duração do luto, o que confunde a pessoa em luto. Outro ritual, embora actualmente não se observe com frequência, eram as famosas carpideiras, mulheres que eram pagas para que, nos velórios e funerais, chorassem pelo defunto alheio. Estas senhoras através do seu choro, dos seus gritos e gestos exacerbados, incentivavam a família a exteriorizar a sua dor (Araújo R. , 2009). Este relato ilustra bem o conceito do autor Parkes (1998), quando este nos diz que através de crenças e rituais, as pessoas enlutadas explicam a perda que sofreram, e deste modo reduzir a confusão inicial da perda e ajudá-los na elaboração da sua dor.

1.2. Luto e Melancolia

O Luto é um processo complexo e esperado perante a perda de algo ou alguém valioso para nós, mas nem sempre é conseguido perante uma morte natural. Numa morte accidental, a revolta e a dor são inexplicáveis e podem impedir que a pessoa faça o seu luto.

Freud, em Luto e Melancolia (Freud, 2006), descreve o luto como um trabalho que o ego tem de realizar para adaptar-se à perda do objecto amado, perante a

percepção de que esse foi perdido. A elaboração do luto foi descrita na teoria psicanalítica como um processo de desidentificação com o objecto perdido, no qual há retirada gradual do investimento libidinal nesse objecto e investimento libidinal em novos objectos. Esse processo não implica o desligamento total do objecto perdido, tendo em vista que a ligação com o objecto interno permanece e é redignificada durante o trabalho de luto. É esse trabalho de transformação da relação com o objecto perdido, que permite a elaboração do luto.

Segundo Freud (Freud, 2006, p. 103), “ (...) o luto, de modo geral, é a reacção à perda de um ente querido, à perda de alguma abstracção que ocupou o lugar do ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém e assim por diante. Entretanto, em algumas pessoas – que por isso portadoras de uma disposição patológica – sob as mesmas circunstâncias de perda, surge a melancolia, em vez do luto (...)”. No decorrer do processo de luto, quem sofre a perda tende a recordar a relação que tinha com o ente querido e a valoriza-la. Esta fase é também um período de perdoar e esquecer. Perdoar pode ser uma tarefa difícil, ao mesmo tempo que a pessoa tenta lidar com a eliminação da culpa, vergonha e raiva por ter sido deixada sozinha. Por outro lado, esquecer implica "deixar ir", não sugerindo que as memórias serão apagadas, mas sim que os pensamentos e sentimentos serão guardados apropriadamente no coração da pessoa. Enquanto que, a melancolia “caracteriza-se psiquicamente por um estado de ânimo profundamente doloroso, por uma suspensão do interesse pelo mundo externo, pela perda da capacidade, de amar, pela inibição geral das capacidades de realizar tarefas e pela depreciação do sentimento-de-si” (Freud, 2006, p. 103). A principal característica que difere luto de melancolia, é que “no luto, o mundo tornou-se pobre e vazio; na melancolia, foi o próprio Eu que se empobreceu” (Freud, 2006, p. 105).

1.3. Morte Acidental

Começaremos por abordar brevemente os rituais culturais e religiosos que, ao longo dos anos, estiveram associados á morte acidental. Veremos uma alteração

dos rituais ao longo do tempo mas com um factor inalterável: a supressão da dor. Por fim, falaremos das mortes rodoviárias, visto ser pertinente para o nosso estudo, referindo um relatório da Organização Mundial de Saúde (OMS).²

1.3.1 Rituais Culturais

Kovács (2003) relata que, por um longo período da história, a chegada da morte era anunciada por meio de sinais. É importante ressaltar que o indivíduo precisava de algum tempo para que a vinda da morte fosse percebida. Ela também podia se fazer anunciar mediante pressentimentos, ou pelo comunicado de almas do outro mundo (Kovács, 2003)

“Havia a crença de que os mortos sempre estavam presentes entre os vivos, em certos lugares e momentos, sendo então percebidos pelos que iriam morrer” (Kovács, 2003, p. 28).

A crença de que a morte mandava um aviso, perdurou por muitos séculos, e ainda hoje é possível encontrar no imaginário popular essa crença; porém essa morte anunciada não poderia acontecer rapidamente, pois senão seria interpretada como castigo divino. Dessa forma, a morte repentina era considerada vergonhosa.

“Outra morte desonrosa era a que ocorria por causa de assassinato ou acidentes, e nesse caso se proibia a sepultura cristã. A justificativa para não se proceder aos rituais funerários cristãos, nessas situações, era que não havia tempo para o arrependimento “(Kovács, 2003, p. 29).

As pessoas acreditavam na protecção dos santos. Era importante enterrar os mortos perto dos santos, pois esses ofereciam protecção ao corpo até o dia do julgamento, o que era uma protecção para os mortos e também para os vivos, que

² O Relatório da Organização Mundial de Saúde (OMS) de 2007, intitula-se "Os Jovens e a Segurança Rodoviária", e indica que é nos países menos desenvolvidos, e principalmente em África e no Médio Oriente, que a taxa de mortes por acidente é mais elevada, sendo os acidentes rodoviários a principal causa de morte dos dez aos 24 anos, matando anualmente cerca de 400 mil jovens em todo o mundo

temiam entrar em contacto com esses mortos. Quanto mais próximo do altar, acreditava-se que mais rápida seria a salvação. Pagava-se caro, porém, por essa salvação (Kovács 2003, p. 32).

Os últimos actos do cerimonial tradicional para um moribundo, segundo Ariés (2003), seriam: primeiro, o lamento da vida, que se traduziria numa recordação discreta e triste da sua vida; seguidamente, existiria o perdão dos companheiros, que deveriam rodear o leito do moribundo; e finalmente, tempo para pensar em Deus, que seria dividida em duas partes, a culpa e a *commendatio animae* – “paráfrase de uma velha prece tomada talvez dos Judeus da Sinagoga” (Ariés, 2003, p.33). Deste modo, existiria a absolvição de corpo presente e a extrema-unção do moribundo.

“No século XX, existe uma supressão do luto, escondendo-se a manifestação ou até mesmo a vivência da dor. Há uma exigência de controlo, pois a sociedade não suporta enfrentar os sinais da morte.” (Kóvac, 2002, p.40)

1.3.2 Mortes Rodoviárias

Nos tempos que correm o tempo de espera da morte modificou-se, devido às doenças prolongadas e medicamentos e tratamentos que surgiram para prolongar a vida aos moribundos.

A morte accidental deixou de ser considerada uma morte desonrosa pelos cristãos, face ao seu aumento nos últimos anos, e também porque a Igreja não poderia virar costas aos seus fiéis que pediam por um ritual fúnebre religioso. Assim, desde os tempos medievais, estas noções foram-se alterando, sendo que, segundo a autora Kovács, “a morte fica despojada do carácter de necessidade em termos de processo vital” (2002, p.40).

Nos tempos que correm, existe um aumento de acidentes rodoviários, devido ao excesso de velocidade, ao consumo de álcool ou de drogas. Segundo um relatório

da Organização Mundial de Saúde (OMS) de 2007, os acidentes rodoviários são a principal causa de morte dos dez aos 24 anos, matando anualmente cerca de 400 mil jovens em todo o mundo. Intitulado "Os Jovens e a Segurança Rodoviária", o relatório indica que é nos países menos desenvolvidos, e principalmente em África e no Médio Oriente, que a taxa de mortes por acidente é mais elevada.

Mas também em Portugal, os jovens e os acidentes rodoviários têm sido alvo de estudo. Numa comunicação apresentada por C. A. Dias, ele fala-nos destes desvios da mentalidade destes jovens, dizendo: "há um número significativo de pessoas que produzem um número elevadamente significativo de acidentes" (2005, p.8). Ou seja, diz que existe uma compulsão á repetição deste comportamento, que o autor chama de "neurose do destino" (2005, p.9).

Ao abordar os trabalhos, que efectuou com o M. P. Matos, nesta sua comunicação, diz-nos que se observava que "jovens condutores com dois ou mais acidentes de motorizada registavam um significativo aumento na escala de suicidário, e com baixo nível de ansiedade" e que seria a repetição que estaria ligada a estes baixos níveis de ansiedade (Dias, 2005, p. 9).

Concluindo, "o destino não é inteiramente uma finalidade, nem uma origem, porque no sentido ocidental português "é o destino, é o fado...". Somente uma neurose de destino é que a repetição, não se cessando de manifestar, faz da origem uma finalidade, então chamamos a isto destino." (Dias, 2005, p. 9).

Parte II – Estudo Empírico

Capítulo2: Metodologia

Neste capítulo, pretendemos, num primeiro momento, descrever como o processo empírico foi dirigido, no que diz respeito à opção metodológica, aos objectivos do estudo, às características dos participantes, e à forma como se realizaram as entrevistas.

2.1 Objectivos do Estudo

A nossa pergunta de partida é compreender o incompreensível, pois o impacto e consequências de uma perda deste género é terrível, é inexprimível.

O objectivo deste estudo procura contribuir para a análise das reacções destes pais perante a perda de um filho, no sentido de dar voz a todo o trabalho que é necessário empreender na entreaajuda de pessoas em luto. A morte de alguém, nomeadamente de um ente querido, é um momento forte na vida pessoal, momento de ruptura e de desordem que deixa marcas únicas e permanentes nos afectos, nas emoções e nas vivências quotidianas.

2.2 Método Fenomenológico e Etnográfico

O método etnográfico é o método descritivo da antropologia, que se apoia no “conceito de cultura e procura compreender um sistema cultural do ponto de vista daqueles que partilham essa cultura (Aamodt, 1991, *cit in* Fortin, 2009, p.153). “O foco na cultura é único da etnografia” (Streuber H. e Carpenter, 1999, p. 164). Neste método, é essencial a descoberta e interpretação dos significados culturais.

Enquanto, que o método fenomenológico, “traz à linguagem, as percepções da experiência humana com todos os tipos de fenómeno” (Streuber H. e Carpenter, 1999, p. 49). A fenomenologia busca a essência de um determinado fenómeno, ou experiências vividas, que dá significado a cada percepção do indivíduo.

Através de uma união de duas metodologias: a fenomenologia e a etnografia, iremos analisar as entrevistas destes pais. Procuramos a essência das experiências vividas mas também o modo como, culturalmente, esta experiência é vivida. Não queríamos três estudos de caso porque procuramos compreender as reacções a um acontecimento incompreensível.

Numa investigação qualitativa, o processo de recolha de dados é relativamente moroso, pois o investigador depara-se com a necessidade de transcrever integralmente as gravações áudio das entrevistas realizadas. Após esta fase de tratamento dos dados e que consistiu basicamente as tarefas de: identificação, transcrição, organização da base de dados, obtém-se uma base de dados a partir da qual são trabalhadas as fases seguintes de análise dos dados: a codificação e a criação de categorias (Araújo, Pinto, Lopes, & Pinto, 2008, p. 17).

O processo de identificação consiste no registo (identificação) feito durante ou imediatamente após a recolha dos dados, da data, hora, local e sujeito (s) a que se reportavam os dados. Na transcrição, inclui-se as tarefas de transcrição para o texto em formato electrónico das gravações áudio das entrevistas. Este método permite construir categorias que funcionam como elemento conceptual básico a partir do qual se procede á interpretação dos dados. (Araújo, Pinto, Lopes, & Pinto, 2008, p. 17).

2.3 Instrumento

Entrevista clínica com mães que se encontram em processo de luto devido á morte accidental dos seus filhos. Na entrevista foi utilizado um roteiro de questões realizado e aplicado pela pesquisadora.

Neste estudo transmitimos distintas experiências da morte de um filho, da forma como foram e ainda são vividas pelas suas mães. Os relatos incidiram sobre três momentos, analiticamente distintos: o morrer, ou seja, os acontecimentos que conduziram à morte do filho (a revelação do acidente); o funeral, isto é, os rituais

fúnebres que rodearam estas mortes; e o luto, as vivências mais ritualizadas ou pessoais que se seguiram a este momento catastrófico nas suas vidas e que permanecem até ao dia de hoje (a ida ao cemitério, a dor solitária).

Numa época em que se presencia, uma dissimulação da relação do Homem com a morte, em que certas condutas se perdem, ou perdem o seu valor ritual e espiritual, em que novas condutas nascem para dar resposta a novas necessidades emergentes, procurou-se através destas histórias contadas na primeira pessoa, revelar alguns traços comuns, das normalidades sociais nas práticas e nas representações contemporâneas da morte.

2.4 Processo de Recolha de Dados

2.4.1 Participantes

Os participantes deste estudo foram pais que perderam um dos seus filhos por morte accidental e repentina. Deparamo-nos com alguma dificuldade em encontrar participantes pois, as pessoas que sofrem uma perda deste tipo, possuem alguma reserva em falar sobre o assunto. Conseguimos entrevistar três mães que se mostraram disponíveis na participação deste estudo. A Ana surge-nos como uma senhora conversadora, mas ainda vestida de preto pela morte do seu filho, há 3 anos. A Ana relata a sua vida como tendo sido uma vida árdua, mas cheia de felicidade. A sua relação com a família do seu marido destrói-se, revoltando-se contra o mundo. A sua família nuclear não aparece muito descrita na entrevista visto ela passar a maior parte do tempo da entrevista a falar da sua família alargada. É uma mulher que trabalha no campo com o seu marido, profissão que ama de coração e de que tem muito orgulho. Por outro lado tem um forte cariz intelectual e até escreve dois livros: um sobre o seu filho que perdeu e outro sobre a sua família alargada. Descreve a relação com o seu filho de uma forma idealizada e vive-a através do seu livro. Existiram relatos por parte desta senhora, os quais não quis que ficassem registados na entrevista. Todavia, foi pedido permissão para a

utilização de uma frase que deu origem ao nome deste trabalho, que foi referenciada no início do trabalho; e outro aspecto diz respeito á referência de conversas mãe-filho pós morte, descritas no seu livro.

A Beatriz era uma senhora mais tímida, também ainda vestida de preto pela morte do seu filho há 10 anos. O seu relato difere das outras mães pois o seu filho não faleceu nem no dia nem no local do acidente, tendo ido para o hospital, receber cuidados médicos. Narra os últimos dias do seu filho no hospital, mostrando-nos grandes dúvidas e porquês em relação aos médicos e os cuidados que estes tiveram com o seu filho. A luz dos seus olhos é o seu neto, que faz com que esta senhora continue a sorrir para a vida. A sua família torna-se o seu mundo e tudo gira à sua volta.

Finalmente a Catarina, surge-nos como uma senhora simpática, conversadora, mas ainda vestida de preto pela morte do seu filho, há 2 anos e meio. Foi enfermeira durante cerca de 20 anos num hospital em Lisboa. A sua família e amigos tornam-se o seu mundo, mas afirma possuir uma força dentro de si que não a deixa ir abaixo. Tal como a Beatriz, tem um neto que é a sua razão de viver, mas possui alguns desentendimentos com a sua ex nora, mas que não a impediram de lutar pelos seus direitos como avó.

2.4.2 A Recolha dos Dados

O procedimento de recolha de dados foi efectuado da seguinte forma. E primeiro lugar foi solicitado um pedido a um Centro de Saúde de Coimbra para que nos fosse permitido contactar as senhoras a fim de as entrevistar (Anexo 1). Após nos ter sido dada a devida autorização, a psicóloga do Centro de Saúde, procedeu ao contacto da sua paciente a fim de a questionar acerca da possibilidade de integrar este estudo. Após resposta afirmativa, a pesquisadora, encetou um contacto pessoal a fim de marcar a entrevista.

Os objectivos deste estudo situam-se no âmbito da compreensão, reflexão e análise, daí a opção por uma técnica de recolha de informação, como é o caso da entrevista. Quivy e Campenhoudt (2008) caracterizam a entrevista como um contacto directo entre o investigador e o sujeito e por uma fraca directividade por parte do investigador. As entrevistas semi-estruturadas, utilizadas neste estudo, são, segundo os mesmos autores, as mais utilizadas em investigação social.

Estas entrevistas são apoiadas por um guião (Anexo 3), previamente elaborado, onde constam as questões que o entrevistador coloca ao entrevistado e considera relevantes para a sua investigação. A ordem de colocação das questões é flexível, cabendo ao entrevistador orientar a entrevista para os objectivos da investigação, sempre que o entrevistado deles se afastar (Quivy R., 2008). As entrevistas foram semi abertas, com questões abertas para que os participantes pudessem exprimir espontaneamente a sua experiência. Após o seu consentimento na participação desta investigação, através da assinatura de um termo de responsabilidade (Anexo 2), a entrevista foi registada num gravador, e transcrita na sua íntegra em seguida. Ressaltou-se, ainda, a garantia de sigilo e confidencialidade dos dados fornecidos durante a mesma.

Capítulo 3: Interpretação dos Achados

Com base nos estudos teóricos elucidados sobre os temas luto e perda, surgiram algumas categorias de análise pelos dados colectados na entrevista. No decorrer desta pesquisa, surgiram dois níveis que serão de extrema importância para a análise da entrevista, a cultura e a ruptura com esta, e que funcionaram como instrumentos de interpretação. Referimos que o tema Cultura, pois este pode ser encarada como um amparo ou como uma Ruptura, como iremos ver nos diferentes casos.

Assim, os temas analisados foram articulados ao nível da cultura e da ruptura, gerando novas categorias de análise. No entanto, seleccionamos, de acordo com os objectivos desta pesquisa, os temas mais evidentes sob o ponto de vista clínico. A análise da pesquisa foi realizada por um método qualitativo dos dados colectados na entrevista, relacionando as temáticas principais, luto e perda. Chamaremos de categorias de análise aqueles temas, cuja relevância nos permite postular questões acerca do funcionamento do grupo familiar, numa combinação de informações directas, indirectas e veladas no discurso de um dos membros dessa família que sofreu a perda, pois associamos todos os dados observados possíveis ao momento interpretativo da pesquisa.

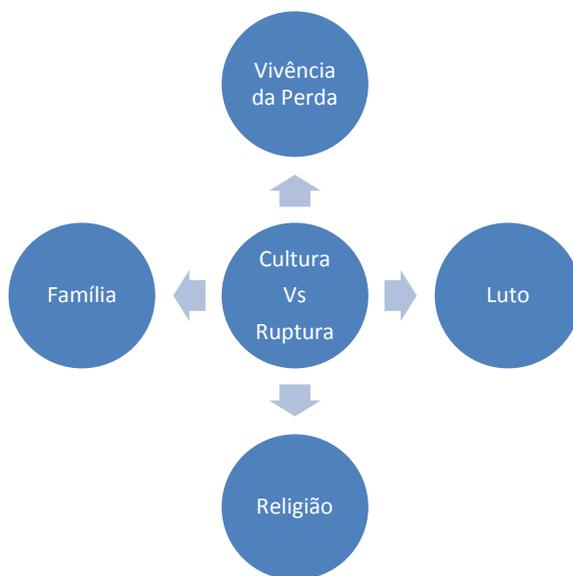
Como a nossa amostra não se deixa unificar devido à gravidade do tema, colocamos os casos em diferentes níveis. Fez-nos sentido agrupar o caso da Beatriz e da Catarina no mesmo nível, pois são amparados na cultura, sendo que o caso da Ana, por ser mais grave e diferente dos restantes, englobamo-lo numa categoria diferente: morte violenta com ruptura na cultura.

Iremos interpretar os achados resultantes da análise da entrevista, em três níveis: o primeiro nível, será a morte natural, onde faremos uma breve introdução meramente pela literatura; um segundo nível, a morte violenta mas contida pela cultura e por fim, o terceiro e último nível, a morte violenta mas que provoca a ruptura com o nível

de cultura, colocando o indivíduo numa situação de solidão. Tentamos compreender esta ruptura, visto possuir elementos do surgimento da psicose, como encontramos nas obras de Bion, Meltzer e Grotstein.

Não iremos abordar o primeiro nível, da morte natural, focando a nossa atenção nos dois níveis onde se enquadram as nossas mães. No segundo nível, morte violenta contida pela cultura, ilustraremos com excertos das entrevistas da Beatriz e Catarina, sendo que o último nível, morte violenta com ruptura da cultura, será ilustrado com excertos da entrevista com a Ana. A nossa interpretação desta pesquisa possui dois níveis centrais: cultura e ruptura, que foram articulados com os seguintes eixos: vivência da perda, luto, religião e família. Estes eixos, são as dimensões de análise que emergiram do discurso destas mães e que serão abordados por duas vezes, uma vez na morte violenta contida pela cultura e uma segunda vez, na morte violenta com ruptura na cultura.

Esquema 1: Eixos de Análise das Entrevistas³:



³ O "Depth Picture" ajuda-nos a clarificar a essência, que é essencial para a análise fenomenológica. Encontram-se relacionados com os níveis de interpretação: cultura e ruptura com esta.

3.1. Morte Violenta Contida pela Cultura

Apresentamos estas articulações a partir das categorias de análise surgidas no discurso das mães e ilustradas com os trechos destes diálogos, a seguir:

3.1.1. Vivência da Perda

O objectivo deste estudo foi analisar a reacção das pessoas após a perda de um filho. A vivência da perda é o tema central, aparecendo em todos os níveis e mães que participaram neste estudo. A perda é um momento de choque em que as pessoas não querem acreditar, pensam que é só um pesadelo; não querem encarar a terrível realidade que as espera. Faz questionar as causas e circunstâncias da morte do nosso familiar. Cronologicamente esse percurso não é o esperado pois o percurso natural da vida, seria aquele em que os filhos enterram os seus pais idosos.

Contudo, não é sempre assim que acontece. Muitas vezes, pais choram filhos mortos precocemente, vítimas de acidentes trágicos. E a realidade desse facto causa angústia, dor e sofrimento, tal como nos casos que relatamos neste estudo.

Estas Mães são senhoras de meia-idade que perdem um dos seus filhos, ou o seu único filho, por morte accidental e repentina. Por vezes nos casos de uma perda de um familiar, seja, pai mãe, avô, filho, neto; o ser humano, se for religioso, questiona-se: Porquê meu Deus? Porquê o meu filho? Neste estudo, existe um conflito para com a família, ou um membro desta, ou contra o Hospital; nas diferentes entrevistas.

A Catarina, não viu o seu filho em sofrimento como a Beatriz, e relata muito pouco acerca da forma como o seu filho faleceu:

“Sim, de modo que foi uma morte muito trágica e muito estúpida. Foram para cima dele.”

Refere de uma forma muito sucinta o acidente do seu filho e denota-se uma incompreensão do acidente:

“Sim, foi de acidente de automóvel em Taveiro. A senhora que foi para cima dele, coitada, também não teve culpa. Ela também morreu. Ela vinha do lado da figueira e o meu filho vinha de Coimbra. Ele vinha com o menino, que ele tinha um menino com 5 aninhos. E ele vinha com o menino do parque de noite e então foi em Taveiro, naquela recta, tão larga, e como é que a senhora... como é que ela fez aquilo, eu não sei...”

Relato Catarina

“Seleccionar o que ver” (Parkes, 1998, p.68), é um aspecto importante da percepção, pois o nosso corpo, que está em grande sofrimento, manda sinais para o nosso cérebro, em que a pessoa imagina a pessoa. Em estados de baixa consciência como no sonho, estas fantasias puderam surgir mais nítidas e com mais facilidade.

Também a Beatriz recorda os momentos do seu filho no Hospital e o seu estado de saúde de uma forma muito descritiva e até cruel:

“Ele devia estar noutra sítio, ele devia estar nos cuidados intensivos, a tirarem-lhe aquele sangue e estar em repouso porque ele não estava em repouso e quanto ele mais se mexia mais ele se esforçava, mais aquilo lhe perfurava o pulmão.”

Esta vida que se perde, levanta questões últimas aos familiares, tais como: o porquê de ter acontecido, como se poderia ter evitado, a procura de justiça e a culpa.

“E eu disse então deixe-mo ver, e eles disseram é melhor não ir. Pois ele depois com o derrame começou a ficar perturbado não é? Estava perturbado da cabeça não é? Desorientado. Mas ele... não mo deixaram ver. Depois disseram que ele ficava internado, no neuro trauma, e depois estava lá o cunhado dele, o irmão da minha nora, estavam lá muitos rapazes que eram amigos dele e eu disse ó Jorge..”

eu ainda queria lá ir ver, eu fui lá ver e ele gritava tanto tanto... depois cheguei a meio do corredor e não consegui ir, voltei para trás... Ai! Se eu soubesse que ele morria...”

Relato Beatriz

Neste pequeno trecho, podemos analisar a dor desta mãe e o seu sentimento de culpa, se assim o podemos chamar, por não ter ido ver o seu filho naquele momento. Sente que foi um momento com o seu filho que perdeu, e que não poderá recuperar.

A pessoa enlutada tem perfeita consciência de que a procura pela pessoa que partiu, não faz sentido, mas ainda assim possuem um grande impulso para a sua procura. Parkes (1998), relata que esta procura é uma acção ininterrupta, na qual a pessoa em luto poderá visitar locais habituais do falecido.

Podemos citar a Beatriz, que nos fala da saudade e da vontade que possui em ter o seu filho de volta:

“Só tinha aquele e fez-me muita falta e parece que cada vez faz mais falta. Quanto mais o tempo vai passando mais falta me faz, porque é assim uma pessoa começa a ficar com mais idade e as pessoas parece que... não sei, estão sempre a fazer, eu queria o cá, queria-o ao pé de mim, mas eu sei que ele não volta, eu sei que ele não vem. Eu sei isso, eu sei tudo isso.”

3.1.2. Luto

“O luto é um processo de aperceber-se, de tornar real o facto da perda” (Parkes, 1998, p. 199). As formas de luto são moldadas pela cultura, seja por usar roupa preta, por velar o corpo a noite inteira até ao momento do funeral, quer por se esperar manifestações de dor e tristeza por parte dos familiares. O luto é a fase após o choque da perda da pessoa amada.

Freud, falava que as perdas ocorridas na infância podiam causar vulnerabilidade à depressão na vida adulta e que a auto depreciação sentida pelos pacientes

deprimidos seria causado pela raiva voltada no interior pelo facto do self se identificar com o objecto perdido. Tal como no seu texto, “Luto e Melancolia”, diz que na melancolia, “a sobra do objecto cai sobre o ego”, caracterizando desta forma a depressão como uma identificação do ego com o objecto perdido (Freud, 2006). Ou seja, a pessoa perdida é vivida dentro de nós como morta.

Podemos dizer que a melancolia, neste estudo, está amparada pela cultura, sendo este um elemento de regresso a vida.

Existem duas dúvidas relacionadas com a natureza e a qualidade da perda, por detrás da depressão. A primeira prende-se com que a pessoa perdeu, não o objecto em si mas sim o ambiente familiar disfuncional com perda do afecto do sujeito por parte dos objectos significativos. A segunda, relaciona-se com o afecto, o amor propriamente dito que o indivíduo perdeu (Matos, 2007).

A forma de recuperação desta perda é a leitura e a escrita. Segundo Grinberg (2000, p.239), “ todo o trabalho de criação ou sublimação tem como base específica a elaboração de fantasias depressivas tendentes a restaurar e a recriar o objecto perdido, que se sentiu como destruído.”

Fala-nos numa reintegração do Eu, em que o indivíduo possa suportar as suas privações e que a culpa dê lugar à capacidade de restaurar através da criação de algo novo. A criação é encarada, deste modo, como uma recriação do mundo interno que estava em ruínas pela perda do objecto amado. O luto é possível pela inserção da cultura. Como elementos da cultura, podemos agora destacar dimensões absolutas como o destino e a ressurreição, como fé que as pessoas assumem.

Por exemplo o destino não se questiona, aceita-se pois submete-nos a ele.

“Eu acho que é o destino porque é assim, porque é que a mulher lhe deixou o carro para ele andar e ele foi na mota? Eu acho que é um destino que ele talvez tivesse.

Ao menos que esteja num sitio que não sofra... eu acredito muito e acredito na ressurreição como digo a psicóloga e que um dia ainda o vou ver... acredito muito... vamos ver se deus me dá esse privilegio de vê-lo. E com o outro pequenino e mais família que eu lá tenho. Tenho lá a minha mãe, os meus avós, pronto tios tias tudo... se não acreditássemos, não valia a pena andar aqui.” Relato Beatriz

É um período de perdoar e elaborar a pessoa amada. Um elemento deste período é perdoar-se a si mesmo pode ser uma tarefa difícil, ao mesmo tempo que a pessoa tenta lidar com a auto-eliminação da culpa, vergonha e raiva por ter sido deixada sozinha pelo filho. Por outro lado, esquecer implica elaborar o luto pela pessoa amada, não sugerindo que as memórias serão apagadas, mas sim que os pensamentos e sentimentos serão guardados apropriadamente no "coração" da pessoa. A motivação para seguir em frente, apesar de possíveis desilusões e vários inícios e paragens desencorajantes, faz a diferença.

“Tenho muita força cá dentro de mim, não sei o que é que tenho cá dentro de mim mas tenho muita força. Muita mesmo, eu não me deixo ir muito abaixo. Felizmente... eu tento tudo por tudo para me distrair, tenho ido para a figueira para casa de pessoas amigas, tenho passado lá uns dias. Faço piscina lá. Tenho feito piscina, tenho tido assim umas distrações para ver se a minha cabeça... senão eu ia-me abaixo mesmo. Eu não cheguei felizmente a estar internada mas cheguei a estar assim em baixo...” Relato Catarina

Como vimos no excerto anterior, esta mãe fala-nos em reconstruir a sua vida, em preencher o vazio deixado pela perda do seu filho, mas relatando que houveram períodos em que a sua auto-estima estava em baixo.

A cultura á volta da morte tem um significado religioso oferecendo a possibilidade de construção de um modelo operativo interno, um porto seguro e fonte de segurança, tendo como resultado a regulação do sentimento de segurança.

“E depois um dia ela ligou-me a dizer que ia haver uma missa no Colégio Rainha Santa... para os pais...pronto as pessoas que perderam os seus filhos. E então eu fui lá á missa. Falei com o meu marido e apesar de ele não muito dessas coisas, nesse dia ele foi comigo. E eu gostei imenso da missa, foi uma missa muito linda muito linda. Quando a gente entrava levava uma velinha, cada um levava uma velinha e ia pôr por baixo do altar. Á umas que até levavam duas e três velinhas. Então depois estivemos duas meninas que fizeram um bailado, uma coisa linda.”

Relato Beatriz

Deste modo, a religiosidade, ou a “cura da alma”, faculta ao sujeito refazer a sua realidade, delineando uma trajectória em direcção a “cura”. Assim, na consciência da sua realidade, poderá encontrar na espiritualidade, condições para o seu fortalecimento psíquico, preparando-a para enfrentar as suas limitações e, para além disso, propiciar o ressurgimento de uma mudança emocional firme, na qual uma reflexão ininterrupta e sincera acerca de prioridades, valores e propósitos, direccionam a sua existência. Deste modo encontra o seu “continente” na religião, busca a sua missão: reintegrar e reafirmar construtivamente as suas potencialidades, proporcionando-lhe paz e determinação duradouras.

3.1.3. Religião

A morte de um parente é um evento tão doloroso que se torna difícil considerá-lo um mero resultado de um acidente ou do azar. Aceitar o facto de que a morte pode ocorrer em qualquer lugar, e que a doença não respeita pessoas, lugares ou tempos, mina a fé que se tem no mundo como um lugar seguro e em ordem.

No cristianismo, o falar sobre a morte baseia-se num conjunto de conceitos estritamente ligados à esperança, como expressões de fé.

De acordo com Grinberg (2000, p.29), “toda a religião se baseia principalmente na ideia do pecado, ou seja, o sentimento de culpa que é sentido por não se poder dar cumprimento às normas prescritas.”

Segundo Freud (Grinberg, 2000, p.28), “a explicação encontra-se na típica ambivalência da afectividade humana: por detrás do sentimento amoroso encontra-se a hostilidade inconsciente, que é que determina que o individuo se sinta culpado pela morte do seu parente.”

A Beatriz procura ajuda numa associação de apoio a pessoas em luto e relembra uma cerimónia que assistiu com o seu marido e que a marcou profundamente:

“ E depois um dia ela ligou-me a dizer que ia haver uma missa no Colégio Rainha Santa... para os pais...pronto as pessoas que perderam os seus filhos. E então eu fui lá á missa. Falei com o meu marido e apesar de ele não muito dessas coisas, nesse dia ele foi comigo. E eu gostei imenso da missa, foi uma missa muito linda muito linda. Quando a gente entrava levava uma velinha, cada um levava uma velinha e ia pôr por baixo do altar. Á umas que até levavam duas e três velinhas. Então depois estivemos duas meninas que fizeram um bailado, uma coisa linda.”

Mas como vimos ao longo deste estudo, não é só a religião que ajuda estas mães no seu processo de luto. A Catarina relata-nos:

“Foi um grande choque porque... nem tem explicação a dor. É muito profunda e eu felizmente, eu sou... eu sou... eu não sou muito crente, eu sou... como é que se diz... agnóstica. Nem sim, nem não. Nunca acreditei muito em milagres, isso para mim não existe. Tenho muita força cá dentro de mim, não sei o que é que tenho cá dentro de mim mas tenho muita força. Muita mesmo, eu não me deixo ir muito abaixo.”

Mas esta Mãe não se revolta contra Deus, nem contra o Mundo, e, utiliza a sua família, os seus amigos e também a escrita como uma forma apaziguadora da sua dor e de elaboradora do luto:

“Felizmente... eu tento tudo por tudo para me distrair, tenho ido para a figueira para casa de pessoas amigas, tenho passado lá uns dias. Faço piscina lá. Tenho feito psicina, tenho tido assim umas distrações para ver se a minha cabeça... senão eu ia-me abaixo mesmo. Eu não cheguei felizmente a estar internada mas cheguei a estar assim em baixo...”

Relato Catarina

A Beatriz relata-nos que os versos que escreveu, após a perda do seu filho, foram postos na sua campa:

“Eu também escrevia mas não era escrever para... era escrever para o tempo passar. Nessa altura escrevia versos que era para por na campa, muitos, muitos, muitos... E nada disso ou pouca coisa lá pus, não é? Porque já se sabe... Nessa altura escrevia muito.”

Poderíamos citar nesta categoria o destino mas visto que já o referimos na página 29, apenas iremos fazer uma breve referência a este. O destino é uma dimensão absoluta, que não se questiona, que se simplesmente se aceita. A expressão “foi o destino”, é culturalmente conhecida e a sua utilização em situações de morte é frequente.

Todavia, a nossa amostra não é representativa pelo que a religião não é expressiva, impossibilitando-nos de generalizar os achados.

3.1.4 Família

A morte de um filho jovem é uma tragédia para toda a família, e pode produzir um sofrimento duradouro e altamente perturbador. Quando uma morte prematura ocorre na adultez jovem, a família pode experimentar a sensação de que foi cometida uma injustiça cruel com a vida que cessou antes de atingir sua plenitude.

A perda pode envolver qualquer um dos membros da família ou mais de um ao mesmo tempo e o impacto da perda ressoará em cada um dos membros e sobre a família como um todo de modo particular.

Nestes casos, a Família pode ser considerada como um factor de apoio ou como um factor de desentendimento severo que afasta os familiares, existindo conflito e ruptura.

Nos dois casos que apresentaremos nesta categoria, morte violenta contida pela cultura, veremos que para a Catarina, existe uma mistura de desentendimento com a nora e de apoio da sua família directa; e que para a Beatriz, existe nitidamente apoio da família. De referir que a Beatriz refere o seu marido na ida á missa no Colégio Rainha Santa, organizado por uma associação de ajuda a pessoas em luto, e a Catarina apenas refere o seu divórcio e os motivos que levaram a esta separação e depois relata brevemente a morte do seu ex marido. Na nossa amostra, os pais aparecem pouco devido aos motivos acima enunciados.

Surge-nos então a Catarina, que após perder o seu filho, possui alguns desentendimentos com a nora acerca das visitas ao seu neto.

“A partir daí o menino (neto) começou a vir menos, a vir menos, eu telefonava, telefonava, ela (nora) não me atendia o telefone! Mandava mensagens e ela não me respondia! Escrevia cartas, não respondia! Eu queria saber porque é que ela me tirava o menino! Queria saber, queria ter uma conversa, porque da conversa nasce a luz! Como pessoas civilizadas, ela podia encontrar-se comigo e eu perguntava-lhe o que é que eu tinha feito para ela me tirar o menino. Porque a minha mágoa toda é ela tirar-me o menino sem me dizer porque!”

Relato Catarina

Ora, esta Mãe perde o seu filho num acidente trágico de auto móvel e a sua nora não permite que ela visite o seu neto. Para esta senhora, o neto torna-se um prolongamento do filho que perdeu, como ela nos relata:

“É o meu único neto! Foi o que o meu filho me deixou!”

Segundo Parkes (1998, p.59), “a teoria da defesa psíquica baseia-se na pressuposição de que há um limite para a quantidade de ansiedade que o indivíduo pode tolerar e, quando esse limite é atingido, os indivíduos podem se defender, afastando-se psicologicamente da situação provocadora de ansiedade.”

O modo de como um factor stressante, como a proibição de visitar o seu neto, irá afectar o processo de luto desta mãe, depende não só das suas características mas também, das próprias características do factor stressante.

A Catarina, durante o seu processo de luto pelo seu filho, vê-se compelida a lutar pelo seu neto e pelos seus direitos como avó:

“Proibiram-me de ver o menino no colégio. E as freiras, disseram que não podia vê-lo. A partir daí eu tive que ir para tribunal, eu sei que o tribunal não me vai dar grandes possibilidades porque ela vai sempre continuar a fazer com que eu não o veja.”

O luto não elaborado de uma perda significativa, como esta, pode colaborar com um futuro adoecimento do corpo, o que neste caso não se verifica pois esta mãe terá tentado elaborar o luto através da escrita e da leitura e pelo seu neto.

Estes acontecimentos traumáticos numa família, podem ser transmitidos de uma forma negativa, aos demais familiares. Deste modo, esta mãe através da escrita, elabora um diário para o seu neto, um dia mais tarde ler, onde conta a história do seu filho e o desenrolar dos acontecimentos após a morte dele.

“Porque eu comecei a fazer um diário, desde que o meu filho morreu, tudo o que aconteceu depois com o meu filho, com o meu neto e com ela, está tudo escrito. Uma carta que ela também me escreveu muito má, também está aí. E as cartas que eu escrevi, também estão aí cópias, para ele um dia ver.” Relato Catarina

Também a Beatriz, prendeu-se á vida pelo seu neto:

“Porque era assim ao principio eu comia qualquer coisa vomitava tudo fora. Eu emagreci muito. Fiquei muito magra, as pessoas diziam que eu não resistia, que ia morrer também. Se calhar tinha sido melhor eu morrer também, eu ter ido aquando foi ele, mas eu tenho meu netinho, que gosto muito dele.”

Depois de vivida a dor e a tristeza da perda, somos compelidos a restabelecer o equilíbrio perdido pela morte de um familiar. Nada substituirá a pessoa que partiu, mas neste caso ficou um neto, uma parte do filho que a Beatriz perdeu tragicamente. Ela direccionou a sua energia emocional para este neto, dando-lhe ânimo para a vida:

“Temos de lá ir busca-lo porque...o meu marido vai busca-lo... porque é pertito, e a Mealhada que ele vai busca-lo, a mãe dela (mãe da nora) mora perto da gente e quando ele só tem aulas ate às 13h3 (...). E depois é aí que nós vamos lá vê-lo. Todas as quartas feiras lá vamos. Não falha uma quarta-feira.”

Estas visitas ao seu neto, tornaram-se um ritual, que tal como o autor Parkes (1998), nos diz que, através de crenças e rituais, as pessoas enlutadas explicam a perda que sofreram, e deste modo reduzir a confusão inicial da perda e ajudá-los na elaboração da sua dor.

Estas Mães, através da ligação aos seus netos e apoio das suas famílias, vão elaborando a sua dor pela perda do seu filho.

3.1.5. Síntese

Num dado instante na sua vida, a realidade passa a conferir ao indivíduo um violento e, por vezes repentino corte emocional e físico com o objecto amado.

A reacção de cada pessoa perante uma perda é diferente. Neste segundo nível, queríamos mostrar como duas mães são sustentadas pelo nível de cultura, num sentido lato, onde estão inseridas. A cultura transmite um amparo, através de vários factores, que permitem elaborar o luto. Estes factores de amparo da cultura, como vimos, podem ser o neto, a religião, a escrita de um diário, os amigos e familiares, e associações para pais em luto.

Citando Freud, em *Luto e Melancolia* (Freud, 2006), descreve o luto como um trabalho que o ego tem de realizar para adaptar-se à perda do objecto amado, perante a percepção de que esse foi perdido. Esse processo não implica o desligamento total do objecto perdido, tendo em vista que a ligação com o objecto interno permanece e é redignificada durante o trabalho de luto. É esse trabalho de redignificação, de transformação da relação com o objecto perdido, que permite a elaboração do luto.

Ambas as Mães elaboraram esta transformação da relação com o objecto perdido, através do amor pelos seus netos. Estes, tornaram-se a sua razão de viver, a sua nova esperança, o seu novo futuro. Principalmente a Catarina, que se agarrou a vida pelo neto, como um prolongamento do filho perdido. No pensamento de Freud sobre a pulsão de vida: existe “uma tendência dos organismos de manter a coesão da substância viva e para criar novas unidades vivas” (Zimerman, 2001, p. 428).

Poderemos afirmar que existem diferenças na tentativa de elaboração do luto por parte destas duas mães, embora tenham sido englobadas na mesma categoria: morte violenta contida pela cultura.

Pais sem Nome

A consolação da Beatriz centra-se em aspectos culturais, como as questões religiosas como o destino e a ressurreição, que lhe deram alento a sua dor e esperança de que um dia irá encontrar o seu filho, na vida após a morte.

Por outro lado, esta senhora após 10 anos, ainda se veste de preto, o que nos faz equacionar se esta senhora possuirá um luto reparador ou uma melancolia, que mantém o morto dentro de si.

3.2. Morte Violenta com Ruptura na Cultura

Existiu uma grande dificuldade na interpretação do caso de luto desta mãe. Esta senhora apresenta algumas características que nos remetem para a psicose, mas não achamos que seja uma senhora psicótica. Por tal motivo, não utilizámos, de um modo extenso, a linguagem psicanalítica neste caso. Este caso é diferente dos restantes e mais grave, a nosso ver, e por isso houve a necessidade de englobá-lo numa categoria diferente: a morte violenta com ruptura na cultura. A entrevista durou o dobro do tempo, não podendo ser interrompida no seu discurso, sendo que passou uma hora a relatar o conflito com a família alargada.

Apresentamos estas articulações a partir das categorias de análise surgidas no discurso das mães e ilustradas com os trechos destes diálogos, a seguir:

3.2.1. Vivência da Perda

Como já referimos na página 25, a vivência da perda é um momento de choque em que as pessoas possuem uma grande dificuldade em aceitar a cruel realidade com que são deparadas.

Um relato que nos chamou a atenção quando a Ana comentou sobre acontecimentos antecédidos da morte do seu filho que surge no seguinte diálogo:

“O Marco faleceu com 24 anos, de acidente de mota. Era um jovem maravilhoso, vamos falar dele como pessoa, era o mais alegre dos 4 irmãos, era uma pessoa extraordinária, com um sorriso maravilhoso, com um outro lado sempre com um sorriso, era uma pessoa que encobria muito, teve um desgosto amoroso, não quer dizer que foi por isso que ele tivera que falecer. Trabalhou a noite toda e quando ele vai para uma concentração de motas, e tiraram-lhe a chave para ele não ir levar o amigo ao baile. E ele disse, deixei-me ir embora, que eu tenho de ir dormir. Quando ele chegou ao baile, deixou o amigo e sei que ele bebeu água e um deles perguntou: Marco estás a beber água? E ele respondeu: estou, porque eu quero ir dormir. O meu filho sai do baile a uns metros, não sei quantos, apanha uma valeta,

ele deve ter adormecido porque já não dormia e quando chega, embate contra um poste às 3 da manhã.”

Este relato, é como uma representação e projecção do imaginário familiar, e uma tentativa de explicação, de interpretação, significando um importante aspecto do funcionamento e estruturação desta Mãe. Tenta justificar a morte do seu filho através do cansaço e afirmando que ele não bebeu, quando aparentemente não existem acusações. Estas justificações para esta Mãe são anúncios da catástrofe que iria acontecer, são enigmas na história da morte do seu filho. O discurso desta mãe transmite uma compilação de justificações e ao mesmo tempo uma contradição interna.

No relato da Ana, ela afirma que a família pressagia esta morte:

“Eu era meia-noite, a minha angústia era tão grande que eu, ele pedia muito que eu pedisse a Deus para que ele fosse feliz devido a situações de desgosto amoroso que ele teve com a namorada e eu tentava sempre pedir por todos, especialmente pelo Marco. À meia-noite em ponto eu estava a rezar uma oração do livro da via-sacra do silêncio e sinto um estremeção no corpo e o livro cai. Eu não consigo dormir, às 2 da manhã ouço a mota passar e eu disse meu filho, que deus te acompanhe. Às 3 da manhã, a minha filha mais velha, que tem 16 meses dele, rebenta-lhe o sangue pelo nariz e vai para a casa de banho. Às 3h05 rebenta o sangue pelo nariz á mais novo e vai também para a casa de banho. O meu filho mais velho vem de casa da sogra com um cansaço terrível, não tinha força para conduzir. Todos nós sentimos, só o meu marido é que não, pois estava a dormir. Entretanto às 3h20 há um telefonema, o Marco tinha tido um acidente grave, eu não sabia... eu queria ver o meu filho e ninguém me deixou. Às 4h20 confirma-se a morte o meu filho tinha falecido. Só lhe digo isto, eu vou tentar não chorar...”

Estas reconstituições, muitas vezes tomam consciência após a perda. Poderiam ser acontecimentos isolados mas que na mente desta mãe estão relacionados com a

morte do filho como um prenúncio de que um infortúnio iria ocorrer. Esta mãe articula a absurdidade do acontecimento com justificações que não convencem mas que parecem deixar pistas e a angústia sentida pela mãe quando relata a passagem do seu filho por casa antes de falecer.

Reconhecemos que cada família possui uma lógica própria nos espaços psíquicos entre os membros. Neste espaço vincular, a leitura destes acontecimentos pré-morte actuou como articulador entre os membros, pois todos os eles, segundo a Ana, presentiram esta perda.

Assim, seleccionamos este sonho contado pela Ana, na entrevista, que ela acredita ter sido real:

“(...) e eu recordo esta parte, quando o espírito do meu filho viu o corpo no caixão, julgou que era um sonho, que não era verdade que tinha falecido. Isto é verídico, Isto é verídico! Porque o meu filho não acreditava que tinha falecido. Entende o que eu lhe estou a dizer? Só que quando nós falamos nesta parte, somos dados como loucos (...)”

O sonho nesta Mãe funciona como o desejo de reparação diante do sentimento de impotência em situações traumáticas, traduzido por uma ideia profética de evitar o próximo adoecimento e morte (Grinberg, 2000).

A pessoa enlutada tem perfeita consciência de que a procura pela pessoa que partiu, não faz sentido, mas ainda assim possuem um grande impulso para a sua procura. Parkes (1998), relata que esta procura é uma acção ininterrupta, na qual a pessoa em luto poderá visitar locais habituais do falecido.

“Seleccionar o que ver” (Parkes, 1998, p.68), é um aspecto importante da percepção, pois o nosso corpo, que está em grande sofrimento, manda sinais para o nosso cérebro, em que a pessoa imagina a pessoa. Em estados de baixa

consciência como no sonho, estas fantasias puderam surgir mais nítidas e com mais facilidade.

Esta mãe, relatou-nos no trecho acima transcrito mas durante a entrevista mas referenciou outros, como sonhos, visões, que não quis que fossem utilizados no estudo, pelo estigma que existe na nossa sociedade e por sentir que são acontecimentos únicos e especiais que quer guardar em memória do seu filho.

3.2.2. Luto

Como já referimos mais pormenorizadamente na página 28, “o luto é um processo de aperceber-se, de tornar real o facto da perda” (Parkes, 1998, p. 199). Estas Mães são senhoras, de meia-idade, que perdem um dos seus filhos, ou o seu único filho, por morte accidental e repentina. Por vezes nos casos de uma perda de um familiar, seja, pai mãe, avô, filho, neto; o ser humano, se for religioso, questiona-se: Porquê meu Deus? Porquê o meu filho? Neste estudo, existe uma revolta para com a família, ou um membro desta, ou contra o Mundo.

Mas a Ana não se revolta contra Deus, revolta-se contra o Mundo, e, utiliza a escrita como uma forma apaziguadora da sua dor, como podemos ver no seguinte relato:

“Fechei-me em mim...tive aqueles dezasseis meses de escrita, de leitura, eu ia procurar algo na escrita e na leitura que me ia ajudar a mim própria. Não são psicólogos, não é medicamentos, nada nos ajuda. O nosso filho não volta...”

Segundo Parkes (1998, p.59), “a teoria da defesa psíquica baseia-se na pressuposição de que há um limite para a quantidade de ansiedade que o indivíduo pode tolerar e, quando esse limite é atingido, os indivíduos podem se defender, afastando-se psicologicamente da situação provocadora de ansiedade.”

Freud, falava que as perdas ocorridas na infância podiam causar vulnerabilidade à depressão na vida adulta e que a auto depreciação sentida pelos pacientes deprimidos seria causado pela raiva voltada no interior pelo facto do self se

identificar com o objecto perdido. Tal como no seu texto, “Luto e Melancolia”, diz que na melancolia, “a sobra do objecto cai sobre o ego”, caracterizando desta forma a depressão como uma identificação do ego com o objecto perdido (Freud, 2006).

“Perde o filho, que é a razão de ela (Ana) viver, é os quatro filhos e o marido. Porque a Maria vive especialmente para eles. E quando o filho morre a Maria perde tudo.”

Relato Ana

Existem duas dúvidas relacionadas com a natureza e a qualidade da perda, por detrás da depressão. A primeira prende-se com que a pessoa perdeu, não o objecto em si mas sim o ambiente familiar disfuncional com perda do afecto do sujeito por parte dos objectos significativos. A segunda, relaciona-se com o afecto, o amor propriamente dito que o indivíduo perdeu (Matos, 2007).

A forma de recuperação desta perda é a leitura e a escrita. Segundo Grinberg (2000, p.239), “ todo o trabalho de criação ou sublimação tem como base específica a elaboração de fantasias depressivas tendentes a restaurar e a recriar o objecto perdido, que se sentiu como destruído.”

Fala-nos numa reintegração do Eu, em que o indivíduo possa suportar as suas privações e que a culpa dê lugar à capacidade de restaurar através da criação de algo novo. A criação é encarada, deste modo, como uma recriação do mundo interno que estava em ruínas pela perda do objecto amado.

A Ana ao escrever o livro sobre o seu filho, arranja uma fuga para falar sobre o seu filho e todos os seus sentimentos: a saudade, o amor, a tristeza, etc. Pois, tal como ela nos relata:

“A pessoa tem necessidade, porque a pessoas ao estar a falar do filho ou do ente querido que partiu, está a viver, está a recordar. E isso muitas das vezes, para a pessoa que perde alguém, é muito positivo. Falar de... O mundo não nos compreende, de maneira nenhuma, e depois quando nós começamos a falar de que

temos de continuar, porque temos essa capacidade, porque há pessoas que não tem. Há pessoas que não têm mais capacidade para nada porque é normal.”

É também um período de perdoar e esquecer. Perdoar-se a si mesmo pode ser uma tarefa difícil, ao mesmo tempo que a pessoa tenta lidar com a auto-eliminação da culpa, vergonha e raiva por ter sido deixada sozinha. Por outro lado, esquecer implica "deixar ir", não sugerindo que as memórias serão apagadas, mas sim que os pensamentos e sentimentos serão guardados apropriadamente no "coração" da pessoa. A motivação para seguir em frente, apesar de possíveis decepções e vários inícios e paragens desencorajantes, faz a diferença.

“ (...) E é o tentar levantar de uma tragédia como esta e construir tudo de novo, pedra sobre pedra. Há pessoas que levam 1 ano, há pessoas que levam dois anos, há pessoas que levam 10 anos e há pessoas que nunca lá chegam. Depende muito da personalidade da pessoa, da força interior que ela tiver e daquilo com que ela se alimentar espiritualmente. Isto é o principal. E depois é o saber entender, o tentar perceber o porque. E de pois analisar esta e aquela situação, e analisar todos os pormenores da vida.”

Relato Ana

O luto provocado por uma melancolia funda-se, num dado instante na sua vida, e a realidade passa a conferir ao indivíduo um violento e, por vezes repentino corte emocional com o objecto amado. Este objecto amado considera-se como a pessoa na qual o indivíduo investia e direccionava a sua libido (energia psíquica direccionada a um objecto exterior), e que se manifestava através de alguma forma vínculo emocional (Freud, 2006). Assim, exige do indivíduo um esforço de reestruturação psíquica que se expressará através de um profundo sentimento de dor e perda, originado pela resistência e oposição do indivíduo à nova realidade que se lhe apresenta.

3.2.3. Religião

A morte de um parente é um evento tão doloroso que se torna difícil considerá-lo um mero resultado de um acidente ou do azar. Aceitar o facto de que a morte pode ocorrer em qualquer lugar, e que a doença não respeita pessoas, lugares ou tempos, mina a fé que se tem no mundo como um lugar seguro e em ordem.

No cristianismo, o falar sobre a morte baseia-se num conjunto de conceitos estritamente ligados á esperança, como expressões de fé.

A dualidade perpétua do sagrado e do profano, do mundo terrestre, pelo qual ela recebe revolta e em relação ao mundo sobrenatural, ela sente-se agradecida, para o qual ela se vira devolvendo o filho a Deus, revela uma crença na vida para além da morte.

“Não há respostas às perguntas que ficam no ar. Não há respostas para elas. E depois há revolta com Deus ou com o Mundo. Eu digo-lhe sinceramente que me revoltei com o Mundo. Não me revoltei com Deus, mas revoltei-me com o Mundo. Porque nós queremos falar da pessoa que partiu, a pessoa não ouve não nos quer ouvir. Porque pensa até que nos está a ajudar mas não. A pessoa tem necessidade, porque a pessoa ao estar a falar do filho ou do ente querido que partiu, está a viver, está a recordar. E isso muitas das vezes, para a pessoa que perde alguém, é muito positivo. Falar de... O mundo não nos compreende, de maneira nenhuma, e depois quando nós começamos a falar de que temos de continuar, porque temos essa capacidade, porque há pessoas que não tem. Há pessoas que não têm mais capacidade para nada porque é normal.”

Neste pequeno trecho, a Ana transmite-nos a incompreensão por parte do Mundo e dos outros para com as mães que perdem um filho. Na sua opinião, as pessoas enlutadas são incompreendidas pelo Mundo, como se existisse uma distinção de classes. Segundo o autor (Parkes, 1998, p. 208), “é importante que aqueles que tentam ajudar o enlutado saibam o que é normal, (...). As pessoas enlutadas se

surpreendem muito com sentimentos novos, estranhos e relacionados com a perda e com frequência perguntam: é normal?”.

A dualidade perpétua do sagrado e do profano, do mundo terrestre, pelo qual ela recebe revolta e em relação ao mundo sobrenatural, ela sente-se agradecida, para o qual ela se vira devolvendo o filho a Deus, revela uma crença na vida para além da morte. Neste pequeno trecho podemos constatar uma realidade que é pouco falada e que poderá causar um prolongamento da elaboração do luto. As pessoas em luto estão com a sua auto estima em baixo e necessitam de apoio, seja ele religioso, médico ou de grupos de entre ajuda.

Como Parkes (1998) refere, para além da existência de durações de luto em certos meios sociais, noutros não é estipulado esta duração do luto, o que confunde a pessoa em luto.

No velório do seu filho, tal como nos relata:

“E quando ele chega as pessoas gritavam e eu disse: não quero que ninguém grite. O meu filho era alegre, não quero ninguém a gritar á minha volta. O meu filho que estava no princípio da escada dizia: Respeitem a dor da minha mãe, se as pessoas estão a sofrer, todos nós estamos. Mas a minha mãe a dor dela, é maior do que todos nós. E se ela não quer que gritem, ela não grita, ninguém grita. As pessoas respeitaram mas houve a crítica.”

O funeral, é um momento que pode originar sentimentos negativos como positivos, mas que naturalmente causa muita dor aos enlutados (Parkes, 1998). O relato desta Mãe acerca do funeral do seu filho parece significar que o seu pedido foi visto negativamente, apesar de ser a cooperação que esta mãe necessitaria no momento: o silêncio.

Esta não compreensão que existe e que se denota na entrevista desta mãe, deveria ser explorada no estudo do luto. As pessoas reagem conforme as suas

características psicológicas individuais e que por vezes vão contra as crenças religiosas. Como o autor Parkes (1998, p.204) afirma, “ um posicionamento claro das igrejas nesse sentido seria psicologicamente útil para muitas pessoas enlutadas”. No meio social onde a Ana está inserida, o pedido de silêncio no velório do seu filho, foi visto como uma falta de dor, de sofrimento da sua perda. Em certas culturas, através dos seus rituais fúnebres tem de existir uma exteriorização da dor que a pessoa está a sentir perante as pessoas que vêm prestar as suas condolências.

“Olhe, digo assim se não houver fé, e acreditar, porque eu vivi coisas que estão aqui escritas, que são muito especiais, que eu vivi, não foi ilusão, foi real. Isso ajudou-me a viver, porque éramos 6 naquela casa com a pequenita 7, pois já lá estava mas aqueles 6 eram um elo e quando o Marco morre o elo partiu.”

Relato Ana

Segundo Freud (*cit in* Grinberg, 2000, p.28), “a explicação encontra-se na típica ambivalência da afectividade humana: por detrás do sentimento amoroso encontra-se a hostilidade inconsciente, que é que determina que o individuo se sinta culpado pela morte do seu parente.” O que importa ressaltar destes aspectos, é que o mundo e os seus costumes estão em constante mudança e que cada indivíduo elabora o luto de formas diferentes. Esta mãe, apesar dos hábitos e costumes da sua terra, fez o ritual religioso do seu filho como achou mais correcto e mais fiel á imagem do seu filho.

No meio religioso e cultural do mundo actual existe um tempo provável para o luto. Por exemplo, todos nós, que infelizmente já perdemos um familiar ou amigo, sabemos que após o funeral e até á missa do oitavo e do trigésimo dia, a pessoa e a família deverá manter o seu luto, usando por exemplo roupa preta ou de cor escura. Como Goren, citado em Parkes (1998, p.203), nos relata: “ os costumes quanto á roupa apropriada para o luto, que eram a regra quando eu era pequeno,

agora são predominantemente mantidos pelos velhos, pelos pobres e pelos despreparados.”

3.2.4. Família

A morte de um filho jovem é uma tragédia para toda a família, e pode produzir um sofrimento duradouro e altamente perturbador, como já referimos na página 33.

A perda pode envolver qualquer um dos membros da família ou mais de um ao mesmo tempo e o impacto da perda ressoará em cada um dos membros e sobre a família como um todo de modo particular.

Esta categoria refere-se aos acontecimentos percebidos pelas mães como traumáticos e significativos, e que foram associados à perda do seu filho.

Nestes casos, a Família pode ser considerada como um factor de apoio ou como um factor de desentendimento severo que afasta os familiares, existindo conflito e ruptura.

Para esta Mãe poderemos afirmar que houve uma ruptura com a família, tal como ela nos relata na sua entrevista, e que ocupou grande parte do tempo da entrevista.

Os acontecimentos significativos traumáticos numa família compreendem uma forma de transmissão psíquica transgeracional de um legado negativo e não elaborado. O luto não elaborado de uma perda significativa pode colaborar com um futuro adoecimento do corpo, o que nestes casos não se verifica pois estas mães terão tentado elaborar o luto através da escrita e da leitura.

Podemos referir o discurso da Ana com o seu filho no livro que esta escreveu. Este aspecto foi relatado com mais pormenor mas que não foi autorizado por esta mãe, a sua utilização no estudo. Esta Mãe fala na terceira pessoa, pois lê-nos pequenos trechos do livro mas também poderemos supor uma clivagem de si própria, um distanciamento da dor.

“Quando o filho morre a Maria (Ana) não tem força. A Maria perde a força. Porque? Perde o filho, que é a razão dela viver, é os quatro filhos e o marido. Porque a Maria vivia especialmente para eles. E quando o filho morre a Maria perde tudo. Perde a força e a Inês (cunhada), procura a Maria após a morte do filho e quer fazer partilhas de bens (...)”

Relato Ana

Os acontecimentos marcantes envolviam dinâmicas familiares de pessoas muito próximas como sogros, cunhados, sobrinhos, irmãos, filhos e cônjuges. As histórias acerca dos recursos monetários de cada um, da própria dinâmica de cada sub sistema familiar, foram factores determinantes na dor e sua perpetuação nesta mãe, que utilizaram a morte do seu filho para falarem de partilhas. A partir deste discurso e do binómio Riqueza vs Felicidade, consideramos que a transmissão psíquica transgeracional de perdas não formadas pode atravessar gerações sem que haja possibilidade de elaboração, enraizando-se como fantasma na genealogia familiar e consequente inscrição no corpo, além de acarretar importante contribuição na constituição do sujeito e nas suas modalidades vinculares.

Neste trecho que apresentamos de seguida, encontramos claramente este binómio, em que a Ana e a sua família surgem como aqueles que apenas são felizes, em contraste com os seus cunhados, que tudo têm, mas que não são felizes. Existe um claro surgimento do tema inveja, no discurso desta Mãe:.

“Ora a Maria e o Fernando são felizes, tem dois rapazes lindos e duas filhas lindíssimas e têm uma filha adoptiva. Nós (Ana e o marido) ... Este casal, que está aqui nesta história, transmite a sua felicidade perante os outros porque eles não são capazes de encobrir. Porque têm dificuldades financeiras, não contam com os pais nem com os sogros. (...) Eles (cunhados da Ana) tiveram tudo, tiveram oportunidades que a vida lhes deu e não souberam aproveitar. O que é que eles fizeram na altura, quando estavam cá em cima e os outros cá em baixo? Calcaram-nos, destruíram-nos. E nós a suportar tudo, mas sempre com o nosso sorriso...”

Para esta senhora, estas perdas familiares não foram elaboradas ao longo dos anos, sendo que a houve uma activação com a morte do seu filho, que faz com que ela busque respostas. Toda a história familiar que ela descreve foi um factor stressante no seu luto e podemos supor que os desentendimentos familiares sobrepõem a expressão do luto nos seus discursos.

Segundo Parkes (1998, p.59), “a teoria da defesa psíquica baseia-se na pressuposição de que há um limite para a quantidade de ansiedade que o indivíduo pode tolerar e, quando esse limite é atingido, os indivíduos podem se defender, afastando-se psicologicamente da situação provocadora de ansiedade.”

A reacção perante um factor stressante deriva de imensas características: o próprio stress, o modo de percepção da situação, comparação com experiências passadas, auto-estima (Parkes, 1998). Deste modo, a resposta ao luto possui características não específicas segundo este autor, tais como lembranças, fantasias, comportamento de afastamento ou de aproximação.

O modo de como o factor stressante irá afectar o processo de luto depende não só das características do indivíduo tal como das próprias características do factor stressante.

Ora, a Ana sente a necessidade de relatar essa história familiar e de a elaborar no momento da morte do seu filho, pois digamos que esta sua perda foi como gatilho para um eclodir de conflitos familiares graves.

“Eu começo a escrever esta história (história da família), depois de escrever aquela (história do filho), depois eu mostro-lhe aquela porque esta história ainda hoje me magoa, porque continua a me magoar. Vêm a se passar coisas depois da morte do meu filho que se aproveitam da situação.”

Relato Ana

No decorrer da entrevista com a Ana, o conflito familiar ocupa a primeira parte numa forma muito vasta.

3.2.5. Síntese

No presente estudo, procurámos transmitir uma melhor compreensão da vivência da morte violenta. Esta compreensão foi feita em vários níveis, sendo que para este caso, abordamos último nível, a morte violenta mas que provoca a ruptura com o nível de cultura, colocando o indivíduo numa situação de solidão.

Os elementos de ruptura que destacamos são: a proibição do luto por parte desta mãe, aquando a chegada do filho a casa, remetendo-nos para uma cena de tragédia grega. No processo de luto, e nesta situação específica, no velório do seu filho, culturalmente, espera-se a expressão da dor e da ira sentida pelos pais e familiares perante a sua perda. Após ter “devolvido o seu filho a Deus”, proíbe o choro no velório do seu filho.

Outro elemento de ruptura é o rompimento com a família do seu marido, situação que ela destaca na entrevista, falando perto de uma hora, no início, sobre este assunto, pois relata que a família do seu marido queria fazer as partilhas das propriedades dos seus sogros num momento em que ela estaria bastante debilitada. Este elemento parece associar-se a um outro elemento de ruptura com a cultura, o uso da religião (isto é, esta mãe possui uma visão idealizada da religião, uma religião sem lado negro). Como esta Mãe nos transmitiu na entrevista, numa situação de perda, as pessoas revoltam-se contra Deus (levantando questões últimas, tais como: o porquê de ter acontecido, como se poderia ter evitado, a procura de justiça e a culpa) ou contra o mundo, sendo que ela relata ter-se desligado do mundo e se revoltado contra este. Em relação á religião, esta Mãe possui uma visão muito caricata, pois para ela é uma religião sem lado negro da vida, onde parece estar tudo bem.

Deste modo, a religiosidade, ou a “cura da alma”, faculta uma forma de refazer sua realidade, curando-se a si própria. Esta mãe devolve o seu filho a Deus com grandiosidade, quase como se lhe proporcionasse uma paz interior. Assim, na

percepção da sua realidade, poderá encontrar pela espiritualidade, condições para o seu fortalecimento psíquico. A religião funciona como um corte em vários aspectos: a proibição do luto, como já referimos anteriormente, a idealização do filho como um anjo e por fim o isolamento da família nuclear. Na religião, busca comprometidamente a sua missão, reintegrar e reafirmar construtivamente suas potencialidades, proporcionando-lhe paz e determinação duradouras.

Um último elemento de ruptura que gostaríamos de apontar é a sua forma de comunicação. Ela não fala com ninguém mas fala com todo o Mundo através da sua escrita, através dos seus livros. De lembrar que um livro é sobre o seu filho e outro somente sobre a família do seu marido e os acontecimentos que, segundo ela, levaram a ruptura com a família.

São elementos da divisão da senhora com o mundo e isso leva-nos a procurar a explicação psicanalítica. Esta mãe remeteu-nos para o artigo de (Bion, 1988), “A diferenciação entre a personalidade psicótica e a personalidade não-psicótica”, pois apesar de acharmos que esta mãe não é psicótica, mas devido á absurdidade e crueldade do trauma evidencia uma forma de como a psicose podia surgir, devido á ruptura apresentada, que provoca uma fragmentação na realidade desta mãe. Ou seja, mostra uma dor muito forte e não a expressa, não possui formas de expressão desta dor e que pode levar a esta clivagem entre ela e o Mundo. “A diferenciação entre a personalidade psicótica e a personalidade não-psicótica depende de uma cisão, em fragmentos mínimos, de toda aquela parte da personalidade relacionada a percepção da realidade interna e externa, e da expulsão destes fragmentos, de modo que eles ou entram em seus objectos ou os engolfam.” (Bion, 1988, p. 59).

Podemos dizer que a Ana apresenta este corte com o Mundo mas não o possui em fragmentos, no seu interior. Ela está num mundo único e em si coerente, não completamente desligado da realidade. Ou seja, ela cliva o mundo real mas não cria um mundo fantástico.

Parte III - Considerações Finais

Numa época em que a morte, apesar de estar em evidência nas ruas, nos media, nos livros etc., muitas vezes de forma banalizada, todos vivem como se esta não fizesse parte do quotidiano; olham de forma fria para a morte do outro, como se não nos afectasse; passam e olham para a morte como se essa não fosse uma companheira que mais cedo ou mais tarde a todos arrebatará.

No presente estudo, procurámos transmitir uma melhor compreensão da vivência da morte, visando uma relação menos irascível do ser humano com este facto, o que provavelmente amenizaria a dor causada por ela e as suas consequências. Esta compreensão foi feita em vários níveis: o primeiro nível, a morte natural, onde fizemos uma breve introdução meramente pela literatura; um segundo nível, a morte violenta mas contida pela cultura e por fim, o terceiro e último nível, a morte violenta mas que provoca a ruptura com o nível de cultura, colocando o indivíduo numa situação de solidão. Tentamos compreender esta ruptura, visto possuir elementos do surgimento da psicose, como encontramos nas obras de Bion, Meltzer e Grotstein.

Demandamos perceber a representação da morte e do morrer a partir da observação do sofrimento de mães, após terem perdido os seus filhos, vitimados por acidentes rodoviários e repentinos, focando a perspectiva nas dificuldades que se tem ao lidarmos com esse facto, que causa tanta angústia e sofrimento.

Tentamos encontrar uma linguagem para o indizível, onde centrámos às nossas atenções neste trabalho. Para reflectir este indizível, encontramos três linguagens, não como modelos explicativos, mas como referências.

Numa linguagem psicanalítica, Freud compreende o luto desta forma: *“O luto, de modo geral, é a reacção à perda de um ente querido, à perda de alguma abstracção que ocupou o lugar do ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante. Em algumas pessoas as mesmas influências produzem*

melancolia em vez de luto; por conseqüente suspeitamos que essas perdas possuem uma disposição patológica.” (Freud, 2006, p. 103).

Seguindo a mesma linguagem psicanalítica poderíamos também citar Grotstein, que nos remete para a importância do nada e do sem sentido: “O instinto de morte é a capacidade para nos antecipar e, conseqüentemente, para nos adaptarmos a (de regularmos) este horror último.” (Grotstein, 1999, p. 20). Este autor, diz que “os temas do nada, do sem sentido, do caos e do buraco negro abraçam os dois domínios; o domínio do Homem e sua culpa e o do Homem e seu destino.” (Grotstein, 1999, p. 21).

Num linguagem da literatura portuguesa, poderíamos citar a linguagem do nada, pelo poeta Fernando Pessoa: “*Nada fica de nada. Nada somos. Um pouco ao sol e ao ar nos atrasamos. Da irrespirável treva que nos pese. Da humilde terra imposta, Cadáveres adiados que procriam. Leis feitas, estátuas vistas, odes findas - Tudo tem cova sua. Se nós, carnes. A que um íntimo sol dá sangue, temos. Poente, por que não elas? Somos contos contando contos, nada*” (Pessoa). O poeta exprime o indizível balançando neste seu poema, a ideia que nada somos.

Numa linguagem filosófica, existem vários autores, como Aristóteles, Parmenides, Bergson, entre outros, que nos proferem definições do nada (Mora, 1989). Podemos citar a referência de Heidegger sobre o nada: “Heidegger não pergunta porque é que se afirma que há o nada mas porque é que não o há. (...) O nada é o elemento dentro do qual flutua, esbracejando para se sustentar, a existência” (Mora, 1989, p. 213). Fazemos apenas uma referência a estas linguagens pois ultrapassam o nosso estudo.

A perda de um ente querido é um factor extremamente debilitante, e, se não for elaborado, pode culminar num luto patológico. Os seus sintomas vão interferir no quotidiano da pessoa, onde se pudera manifestar desde a forma mais simples,

podendo chegar a patologias mais graves, como melancolia, angústia e depressão profunda.

No âmbito da saúde, os profissionais, muitas vezes, têm dificuldade em reconhecer estes lutos pois os seus sintomas aparecem mascarados. As pessoas em luto aparecem, provavelmente, de modo crescente, pedindo ajuda. Muitas vezes, também a ligação psicossomática que existe não é fácil de ser identificada. Nas instituições de saúde, estes casos tornam-se um desafio, pois demandam técnicos de saúde especializados, como psicólogo. Mas é também um desafio por outro lado, ou as pessoas estão dispostas a ir ao psicólogo ou não elaboram o seu luto, ficando na solidão.

Pensamos que em futuros trabalhos seria importante abordar e aprofundar os sintomas psicossomáticos do processo de luto.

O nosso estudo foi um estudo compreensivo, em que o caminho da compreensão foi tortuoso tendo chegado aos seus limites, ao que chamamos de ruptura. Compreendemos que uma situação de morte accidental, repentina e violenta, altera a vida de uma pessoa por completo e de modo profundo. Assim, surgem associados à perda, um intenso sentimento de desamparo e fragilidade diante da vida, que é elaborado conforme as características individuais de cada pessoa em luto.

Esta vida que se perde, levanta questões últimas aos familiares, tais como: o porquê de ter acontecido, como se poderia ter evitado, a procura de justiça e a culpa. Também as relações familiares sofrem grandes alterações durante um momento de perda de um familiar. Nestes casos, a família pode ser considerada como um factor de apoio ou como um factor de desentendimento severo que afasta os familiares, existindo conflito e ruptura.

A compreensão da dinâmica dos casos e do eixo principal que determina a configuração das categorias formadas, permitiu-nos compreender como estas mães

tentaram elaborar as suas perdas através da cultura, inclusive a religião, e os factores que dificultaram esse processo, e o seu recurso á escrita como a sua própria terapia.

Bibliografia

Araújo, C., Pinto, E., Lopes, J., & Pinto, R. (2008). *Estudo de Caso*. Minho: Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia.

Araújo, R. (2009). Mulheres da Vila do Carmo: a preocupação com a "Boa Morte" (1713-1750). *Temporalidades - Revista Discente do Pós-graduação em História da UFMG*, I, nº2, 86-106.

Ariés, P. (2003). *História da Morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações.

Bion, W. R. (1988). Diferenciação entre a Personalidade Psicótica e a Personalidade Não-Psicótica. In *Melanie Klein Hoje* (Vol. I, pp. 59-76). British Library Cataloguing in Publication Data.

Dias, C. A. (2005). Repetição e Risco. *Análise Psicológica*, XXIII, 5-10.

Fortin, M. F. (2009). *Fundamentos e Etapas do processo de Investigação*. Lisboa: Lusodidacta Editora.

Freud, S. (2006). Luto e Melancolia. In L. A. Hanns, *Obras Psicológicas de Sigmund Freud* (Vol. II, pp. 99-122). Rio de Janeiro: Imago Editora.

Grinberg, L. (2000). *Culpa e Depressão*. Lisboa: Climepsi Editora.

Grotsein, J. S. (1999). *O Buraco Negro*. Lisboa: Climepsi Editora.

Hennezel, M. d. (2009). *Diálogo com a Morte* (7ª ed.). Alfragide: Casa das Letras Editora.

Kovács, M. J. (2003). *Educação para a Morte: Temas e Reflexões*. São Paulo: Casa do Psicólogo Editora.

Kovács, M. J. (2002). *Morte e Desenvolvimento Humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo Editora.

Meltzer, D. (1988). Terror, Perseguição, Pavor - uma dissecação das ansiedades paranóides. In *Melanie Klein Hoje* (Vol. I, pp. 224-232). British Library Cataloguing in Publication Data.

Mora, J. F. (1989). *Dicionário de Filosofia*. Lisboa: Editora Círculo dos Leitores.

Oliveira, J. H. (1998). *Viver a Morte: Abordagem Antropológica e Psicológica*. Coimbra: Livraria Almedina.

Organization, W. H. (2007). *Os jovens e a segurança Rodoviária*. Geneva: WHO Library Cataloguing-in-Publication Data.

Parkes, C. M. (1998). *Luto: Estudos sobre a perda na vida adulta*. São Paulo: Summus Editorial.

Pessoa, F. (s.d.). Obtido em 13 de Dezembro de 2009, de Web site mDaedalus: <http://pessoa.mdaedalus.com/fernandopessoa413.html>

Quivy R., C. L. (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva Editora.

Ross, E. K. (2008). *Acolher a Morte*. Cruz Quebrada: Estrela Polar Editora.

Streuber H. e Carpenter, D. (1999). *Investigação Qualitativa em Enfermagem* (2ª ed.). Lisboa: Lusociência Editora.

Zimerman, D. E. (2001). *Vocabulário Contemporâneo de Psicanálise*. Porto Alegre: Artmed Editora.